

NEOLIBERALISMO E A HEGEMONIA DOS AFETOS POLÍTICA, IDENTIDADE E O LIMIAR DEMOCRÁTICO

Ana Vitória Tannús Bernardes & Paulo Afonso de Ávila Carvalho Filho***

Resumo: O presente trabalho opera argumentativamente que o triunfo do neoliberalismo reside na sua capacidade hegemônica de canalização das paixões políticas e sociais para o consumo, uma aptidão que se concretiza a partir da grande habilidade de adaptação a diferentes contextos políticos, econômicos e sociais que o neoliberalismo possui. Assim, a análise presente no trabalho parte do pressuposto de que os afetos são fundamentais para a política e que a convergência em torno de um espaço simbólico comum é essencial para a hegemonia de uma ideologia. Dessa forma, o neoliberalismo é triunfante em se estabelecer enquanto projeto hegemônico no ocidente frente a neoliberalização dos afetos. Contudo, sua ideologia implica na fragmentação das identidades coletivas capitaneadas pelo projeto individualista do identitarismo norte americano, abandonando a alteridade e as relações interpessoais, essenciais para a dimensão do político. Esse processo, assim, é acompanhado pelo êxodo político, cenário que se alia ao processo em que a esquerda atual se mostra incapaz de mobilizar paixões sociais e de responder aos problemas neoliberais. Como resultado, surgem movimentos anti-establishment que, apesar de ainda não ultrapassaram os limites da democracia, flertam com o autoritarismo. O trabalho busca, dessa forma, compreender como a política, a identidade e os limites da democracia são operados diante da neoliberalização dos afetos.

Palavras-chave: Neoliberalismo; Afetos; Política; Identitarismo.

NEOLIBERALISM AND THE HEGEMONY OF AFFECTIONS POLITICS, IDENTIFY AND THE DEMOCRATIC THRESHOLD

Abstract: The present work arguably operates that the triumph of neoliberalism lies in its hegemonic ability to channel political and social passions to consumption, a skill that is realized from the great ability to adapt to different political contexts, economic and social that neoliberalism has. Thus, the analysis present in this work assumes that affections are fundamental to politics and that convergence around a common symbolic space is essential for the hegemony of an ideology. Thus, neoliberalism is triumphant in establishing itself as a hegemonic project in the West against the neoliberalization of affects. However, its ideology implies the fragmentation of collective identities led by the individualist project of American identity, abandoning otherness and interpersonal relations, essential to the dimension of politics. This process is thus accompanied by political exodus, a scenario that is allied to the process in which the current left is unable to mobilize social passions and respond to neoliberal problems. As a result, anti-establishment movements emerge that, although they have not yet crossed the boundaries of democracy, flirt with authoritarianism. The work seeks, thus, to

* Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Brasil. Desenvolve pesquisa em Filosofia e Teoria do Estado no grupo de estudo e pesquisa em conhecimento e política: Pólemos. Realizou mobilidade acadêmica na Universidade de Barcelona nas faculdades de Direito e Filosofia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7300-7911>. Contato: anavi.bernardes03@gmail.com.

** Graduando em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Brasil. Pesquisador nos grupos MacroPoder (Macrofilosofia, Política e Ontoteleologia do Direito, do Estado e das Relações Internacionais) orientado pelo Prof. Dr. Hugo Rezende Henriques, e Pólemos: Conhecimento e Política, orientado pelo Prof. Dr. José de Magalhães Campos Ambrósio. É membro da coordenação de Pesquisa do Programa de Ensino Tutorial (PET) Direito UFU desde 2022. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8477-1165>. Contato: pauloavila003@gmail.com.

understand how politics, identity and the limits of democracy are operated in the face of the neoliberalization of affects.

Keywords: Neoliberalism; Affections; Politics; Identity.

NEOLIBERALISMO Y LA HEGEMONÍA DE LOS AFECTOS POLÍTICA, IDENTIDAD Y EL UMBRAL DEMOCRÁTICO

Resumen: El presente trabajo opera argumentativamente que el triunfo del neoliberalismo reside en su capacidad hegemónica de canalización de las pasiones políticas y sociales hacia el consumo, una aptitud que se concreta a partir de la gran habilidad de adaptación a diferentes contextos políticos, económicos y sociales que posee el neoliberalismo. Así, el análisis presente en el trabajo parte del presupuesto de que los afectos son fundamentales para la política y que la convergencia en torno a un espacio simbólico común es esencial para la hegemonía de una ideología. De esta forma, el neoliberalismo es triunfante en establecerse como proyecto hegemónico en occidente frente a la neoliberalización de los afectos. Sin embargo, su ideología implica la fragmentación de las identidades colectivas capitaneadas por el proyecto individualista del identitarismo norteamericano, abandonando la alteridad y las relaciones interpersonales, esenciales para la dimensión del político. Ese proceso, así, es acompañado por el éxodo político, escenario que se alía al proceso en que la izquierda actual se muestra incapaz de movilizar pasiones sociales y de responder a los problemas neoliberales. Como resultado, surgen movimientos anti-establishment que, aunque aún no han traspasado los límites de la democracia, coquetean con el autoritarismo. El trabajo busca, de esa forma, comprender cómo la política, la identidad y los límites de la democracia son operados ante la neoliberalización de los afectos.

Palabras clave: Neoliberalismo; Afectos; Política; Identitarismo.

1 Introdução

“Nada de grande no mundo foi feito sem paixão”, já nos alertava Hegel, em seu tempo, na bela passagem da emblemática obra *Filosofia da História*¹. Triunfantes — e dominantes — por sua vez, são aqueles que conseguem canalizar as paixões ao redor de um objetivo comum. Pode ser que seja difícil assumir e reconhecer o triunfo do neoliberalismo, mas ignorar a sua dominação é uma tarefa impossível², ainda que estejamos em constante oposição a este sistema

¹ HEGEL, G. W. F. *Filosofia da História*. 2. Ed. Trad. Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: Editora UnB, 1999.

² O esforço do presente texto é evidenciar como as políticas neoliberais se alastraram pelo mundo e se consolidaram como uma forma de pensamento e agir político na realidade. Entretanto, é importante ressaltar que, devido seu caráter hegemônico, existem inúmeras correntes críticas, brasileiras, norteamericanas, europeias, etc, que atuam contra esta forma de se pensar e se organizar politicamente. Nosso esforço partirá em consonância a essas críticas, evidenciadas em obras como MATTEI, Clara. *The Capital Order: How Economists Invented Austerity and Paved the Way to Fascism*. Chicago: University of Chicago Express, 2022 e KLEIN, Naomi. *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008 que apesar de não serem citadas diretamente neste artigo, influenciaram na consolidação do pensamento aqui construído.

de controle. Isso porque sua ideologia foi capaz de aglutinar as paixões intrínsecas a diversos setores sociais e políticos e direcioná-los para um fator que os interliga: o consumo.

Desde que as barreiras entre a Alemanha oriental e ocidental foram quebradas, vemos ascender e consolidar no mundo o consumo desenfreado, seja por objetos, por projetos, por ideologias e por pessoas. Esse substrato mercadológico é o que sustenta a hegemonia do neoliberalismo através da sua plasticidade em se adaptar aos diferentes cenários políticos, econômicos e sociais em que se insere. Moldar-se às culturas³ e injetar seus ideais por onde passa é o seu triunfo dominante.

Dessa forma, o presente texto empenha-se em evidenciar alguns dos triunfos neoliberais e o que está por detrás da sua potente dominação em escala global. Partimos do pressuposto de que os afetos são um fator indispensável quando se pensa a política, e que agregá-los ao redor de um espaço simbólico comum é tarefa essencial para se consolidar hegemonicamente. Seja com Spinoza ou com Safatle, pensar os afetos implica na análise daquilo ligado ao coletivo, pois é justamente na relação com o *Outro* que reside a possibilidade de afetar-se. Assim, uma das principais indagações que o presente texto pretende responder trata-se da questão de como se operam os afetos — a relação com a alteridade, portanto — em contextos neoliberais?

Essa pergunta foi a engrenagem motriz de nosso trabalho, e a partir dela buscamos delinear fatores essenciais ao triunfo do neoliberalismo na contemporaneidade. Com Martha Nussbaum e Nancy Fraser, denunciemos a ascensão do identitarismo e o giro individualista advindo da consolidação da fé e moral protestantes na história do ocidente. Sendo o sujeito, agora, somente um indivíduo apartado e fragmentado do coletivo — e, conseqüentemente, incapacitado de ser afetado e afetar coletivamente — vê-se um abandono da alteridade, das relações interpessoais, e a consolidação da fobia da esfera do político.

Assim, o êxodo político foi explorado com as ideias centrais de Chantal Mouffe, na tentativa de elucidar a fobia com as dimensões objetivas e a derrocada da esquerda tradicional enquanto poder de regulações e desejos sociais. Para nós, aliado à hegemonia de afetos neoliberais, reside a incapacidade dos setores de esquerda tradicional, historicamente aptos e sagazes em mobilizar as paixões sociais e potencializá-las rumo a destinos outros. Contudo, o que se vê hoje é a insuficiência de seus projetos políticos em dar respostas aos problemas

³ HENRIQUES, Hugo Rezende; CASTRO, Raphael Machado. O titereiro mundial: guerras culturais, “ideologêneses” e as ameaças ao Estado soberano. *In*: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ENABED), 10^a ed., 2018, São Paulo. *Anais*. Disponível em: https://www.enabed2018.abedef.org/resources/anais/8/1535681337_ARQUIVO_ArtigoFinal-OTITEREIROMUNDIAL.pdf. Acesso em: 24 out 2023.

neoliberais. Assim, quando a crise e a solução são geradas pelo mesmo fator — o neoliberalismo — paira sobre o ar um *status quo* sufocante e vicioso, retroalimentado por uma sensação de que nada poderia ser diferente, mas que almeja, mesmo assim, por mudanças profundas na sociedade.

Mas qual é a transformação possível em contextos de neoliberalização de afetos? Assistimos — bestializados, mas não surpresos — a ascensão de movimentos *anti establishment* que, com discursos de conservação da tradição de costumes e mudança nos setores desgastados da política tradicional, ganham força e evidência no ocidente. Gonçal Mayos e Rodrigo Nunes nos ajudam a trilhar o caminho para a compreensão de alguns vetores desses movimentos populistas que flertam com o autoritarismo, mas ainda não deram um passo além dos limites da democracia.

Nesse sentido, a hipótese do presente trabalho é a de que, sendo a mobilização de afetos um fator essencial para estabelecimento de projetos hegemônicos, o neoliberalismo tem conseguido realizá-lo com sucesso implacável. Almejamos, é claro, por um novo cenário em que *o político* seja capaz de mobilizar os afetos sociais para criar uma cidadania democrática renovada. Em razão disso, o objetivo central do presente trabalho é compreender como esses fatores — política, identidade e os limites da democracia — vêm sendo operados diante da neoliberalização dos afetos.

Para isso, a investigação se baseou no método macrofilosófico, ensinado pelo professor catalão Gonçal Mayos. Isso porque encontrar respostas para as questões aqui colocadas exige uma análise que ultrapasse os limites da hiperespecialização⁴. É preciso olhar sob diferentes perspectivas teóricas e agregar conhecimentos de diferentes ciências para se compreender os acontecimentos atuais que envolvem o neoliberalismo. Nas palavras de Mayos:

Una auténtica macrofilosofía es una tarea de futuro y una labor colectiva, que requerirá la colaboración ingente de muchísimos investigadores. [...] Y por ello hoy debemos luchar por salvar a la filosofía de su banalización creciente y recuperar su libérrima aspiración griego-clásica al saber... al saber en tanto que todo y síntesis global y no como a hiperespecializada disciplinación de un pequeño marco problematizador. Recuperar pues la aspiración griega al saber.⁵

Além disso, utilizamos os ensinamentos metodológicos de leitura ensinados por Mortimer Adler em “Como ler livros: O guia clássico para leitura inteligente”.⁶ Nos textos selecionados, foram feitas leituras inspeccionais e analíticas, culminando, por fim, em leituras

⁴ MAYOS, Límites de la hiperespecialización, *cit.*

⁵ MAYOS, Gonçal. Macrofilosofía y siglo XXI. In: BAVARESCO, Algemir; MORAES, Alfredo (org.). *Paixão e Astúcia da Razão*. Porto Alegre: Editora Fi, 2013, p. 91.

⁶ ADLER, Mortimer J.; VAN DOREN, Charles. *Como ler livros: o guia clássico para a leitura inteligente*. São Paulo: É realizações, 2010.

sintópicas, que relacionam pensadores distintos para encontrar respostas às questões levantadas.

Ainda enquanto método investigativo, buscamos realizar um recorte histórico de análise do político e do social desde a queda do muro de Berlin, em 1989, momento que marca o início do que Chantal Mouffe denomina como “pós-político”. O recorte temático considera, nesse sentido, que as esquerdas que se formaram desde então, ainda que tenham tido sucesso em desenvolver projetos de cidadania e desenvolvimento dos direitos sociais, estão sempre submetidas ao projeto neoliberal. Os partidos e movimentos chamados progressistas não conseguem, nesse cenário, criar novos projetos de futuro que se distanciam da hegemonia neoliberalista e suas conquistas, portanto, acabam sendo ditadas também pelo consumo.

2 O neoliberalismo e a hegemonia dos afetos

Entendemos por afeto a forma como a presença do *Outro* nos sensibiliza enquanto sujeitos, presença esta que altera a potência de agir característica do momento subjetivo do ser. Spinoza ensina que a vida é um conjunto de relações do corpo vivente com outros corpos. Viver, portanto, é estar em relação, é afetar, modificar o *outro* a partir do que se é. Somente a partir da alteridade é possível estabelecer as relações entre sujeitos, ou seja, é a partir da diferença — ou do momento negativo — que nos reconhecemos enquanto sujeitos conscientes perante outros como nós. Logo, a relação com o *alter* é a relação essencial do afetar, que nada mais é do que a capacidade humana de agir e sentir politicamente no coletivo.

Para Vladimir Safatle⁷, as sociedades nada mais são do que circuitos de afetos ligados racionalmente por sistemas normativos prolongados e substanciados pelas afecções que surgem das interações políticas advindas desse processo do coletivo. Quando desse encontro surgem no sujeito afetos que o fazem ter mais resistência contra o mundo, mais energia de si em si, a isso chamamos potência de agir. Desse modo, o corpo em Spinoza, como bem explica Marilena Chauí, tem sua originalidade na intercorporeidade, na capacidade de afetar e ser afetado por outros. O corpo, em suas palavras:

É constituído por relações internas entre seus órgãos, por relações externas com outros corpos e por afecções, isto é, pela capacidade de afetar outros corpos e ser por eles afetado sem se destruir, regenerando-se com eles e os regenerando. O corpo, sistema complexo de movimentos internos e externos, pressupõe e põe a intercorporeidade como originária.⁸

⁷ SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 15.

⁸ CHAUI, Marilena. *Espinosa, uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995, p. 54.

É nesse sentido que buscamos aqui compreender a forma como o neoliberalismo é capaz de afetar os corpos, os desejos e as necessidades. Sendo ele também um corpo que é afetado, sofre modificações constantes, mas, de alguma maneira, permanece. A característica neoliberal que nomeamos aqui de plasticidade é responsável por dar a ele a capacidade de ser afetado pelas contingências e ainda assim manter-se no controle. Esforça-se constantemente para perseverar suas características de dominância e, ainda que encontre objetos outros capazes de afetá-lo negativamente, reconstrói-se na medida em que afeta de diferentes formas sujeitos distintos. Nessa perspectiva, vejamos a percepção de Spinoza acerca da capacidade de afecção dos objetos uns sobre os outros:

Proposición LI

Hombres distintos pueden ser afectados de distintas maneras por un solo y mismo objeto, y un solo y mismo hombre puede, en tiempos distintos, ser afectado de distintas maneras por un solo y mismo objeto.⁹

Essa perspectiva de Spinoza aplica-se à construção do neoliberalismo como detentor da hegemonia dos afetos no sentido de que sujeitos distintos, em situações e contextos diferentes, são afetados de maneiras diversas pelo mesmo movimento neoliberal, sendo que todas as suas ações e comportamentos caminham para a satisfação da mercantilização dos afetos. Não há distinção entre quem possa e quem não possa ser afetado pela condição neoliberal, pois ela abarca todas as circunstâncias. No mesmo sentido, um único sujeito pode ser afetado pelo objeto neoliberal de maneiras distintas em diferentes momentos da vida, dada a característica de manutenção do neoliberalismo desde sua ascensão no pós-guerra fria. Desse modo, ainda que os desejos mudem, o neoliberalismo, em sua plasticidade, permanece encontrando uma maneira de afetar os sujeitos de modo a beneficiar e aprimorar suas próprias condições.

O neoliberalismo depara-se com barreiras que nos parecem intransponíveis num primeiro momento, mas que logo são quebradas por seu poder de moldar-se às situações. Antes de ter que lidar com os movimentos sociais insurgentes da esquerda, o neoliberalismo precisou usar de sua plasticidade para se adaptar às dificuldades encontradas dentro do próprio meio político da direita. Para o geógrafo britânico David Harvey, o movimento neoliberal aprofundou-se tanto nas ideias de liberdade econômica e na mercantilização de todas as instâncias do social que perdeu o controle das massas e em dar a elas um sentido de coexistência em sociedade. Com isso, encontraram no moralismo cristão e no neofascismo nacionalista

⁹ Proposição LI. Homens diferentes podem ser afetados de diferentes maneiras por um único e mesmo objeto, e um só e mesmo homem pode, em tempos diferentes, ser afetado de diferentes maneiras por um único e mesmo objeto. (tradução nossa). SPINOZA, Baruch. *Ética*. Trad. Vidal Penã. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

formas de unir novamente os pequenos indivíduos formados pelo mercado. Nas palavras de Harvey:

En el plano popular, la expansión de las libertades de mercado y de la mercantilización de todo lo existente, puede escaparse al control muy fácilmente y generar una sustancial falta de cohesión social. La destrucción de todos los vínculos de solidaridad social e, incluso, como sugirió Thatcher, de la propia idea de sociedad como tal, abre un enorme vacío en el orden social. [...] La respuesta inevitable consiste en reconstruir los vínculos de solidaridad social, si bien en virtud de líneas diferentes. Ésto explica el renovado interés por la religión y la moralidad, por nuevas formas de asociacionismo (en torno a cuestiones de derechos y de ciudadanía, por ejemplo) o, igualmente, la reedición de formas políticas más viejas (el fascismo, el nacionalismo o el localismo, entre otras).¹⁰

Sendo o neoliberalismo plástico suficiente para se adaptar às necessidades e discursos de vários setores da própria direita, seu *locus* por excelência, não é difícil imaginar que a lógica neoliberal também poderia aplicar seus atributos aos movimentos de esquerda que nascem já enfraquecidos pela descentralização do discurso. Encontra-se, portanto, uma brecha acessível para modelar nossa potência de agir às vontades do mercado e, com isso, dominar nossa capacidade de sermos afetados politicamente pelo neoliberalismo progressista mascarado de esquerda revolucionária.

Interessante a forma crítica como Martha Nussbaum enxerga os movimentos ditos revolucionários que, em realidade, são parte de um novo modelo teórico filosófico que aparenta ter medo de explorar de fato os problemas sociais por eles apresentados. Para Nussbaum, a ideia suscitada por esses novos movimentos é a de que não existem mais espaços para grandes mudanças sociais e que a mais potente forma de revolucionar é por meio de gestos simbólicos e palavras subversivas. Estes seriam, por si mesmos, os atos de resistência política a serem realizados hoje. Ainda, para a filósofa crítica estadunidense:

Tudo que podemos fazer é encontrar espaços dentro das estruturas de poder para as parodiar, escarnecer delas, transgredi-las com o discurso. E, assim, a política verbal simbólica, além de ser apresentada como um tipo de política real, é considerada a única política realmente possível.¹¹

¹⁰ No plano popular, a expansão das liberdades de mercado e da mercantilização de tudo o que existe pode facilmente escapar ao controle e gerar uma substancial falta de coesão social. A destruição de todos os vínculos de solidariedade social e, inclusive, como sugeriu Thatcher, da própria ideia de sociedade como tal, abre um enorme vazio na ordem social. [...] A resposta inevitável consiste em reconstruir os vínculos de solidariedade social, ainda que em virtude de linhas diferentes. Isto explica o renovado interesse pela religião e pela moralidade, por novas formas de associativismo (em torno de questões de direitos e de cidadania, por exemplo) ou, igualmente, a reedição de formas políticas mais velhas (o fascismo, o nacionalismo ou o localismo, entre outras). (tradução nossa). HARVEY, David; MATEOS, Ana Varela. *Breve historia del neoliberalismo*. Madrid: Ediciones Akal, 2007, p. 87.

¹¹ NUSSBAUM, Martha. Professora da Paródia – A Moda do Derrotismo em Judith Butler. Trad. Eli Vieira. *Xibolete*. Disponível em: <https://xibolete.org/judith-butler/>. Acesso em: 24 out 2023.

Nussbaum atribui à herança pós-moderna francesa a crença de que atos simbólicos subversivos poderiam ser a nova forma de resistência política e motor para mudanças sociais almejadas. De fato, a projeção desse pensamento é fundamental para que as diferentes pautas da esquerda de hoje fossem construídas. Porém, acreditamos que os movimentos políticos sedimentados sobre uma base ideológica subversiva somente conseguem sustentar-se em razão do apoio e incentivo neoliberal presente em suas manifestações. A substituição de respostas que remetem à atribuição do social como força motora para transformações por respostas que evidenciam o indivíduo como capaz de realizar as mudanças necessárias é um dos maiores problemas do atual movimento político-ideológico que sustenta a esquerda atual.

Assim, devemos nos perguntar: até que ponto as pessoas se veem capazes de realizar transformações neste cenário em que até mesmo seus afetos são neoliberalizados, onde o sujeito individualizado perde sua capacidade de perceber-se parte de um nós e passa a enxergar-se como singular? Nesse sentido, hoje, as demandas políticas são compreendidas enquanto formação e reconhecimento de identidades cada vez mais fragmentadas ou de potencialidades ligadas ao sujeito individualizado¹², o que faz com que os sujeitos percam cada vez mais sua potência de agir para mobilizar transformações sociais, potência que somente pode ser alcançada frente a estruturas objetivas — ou seja, coletivizadas e permeadas politicamente.

3 Do coletivo ao individual: a ascensão do identitarismo

O declínio — ou o medo — das esferas objetivas tem relação fundamental com a escalada da fé protestante, que após a cisão com o catolicismo no velho continente passa a representar um novo momento na História do ocidente, uma vez que sua doutrina, sobretudo a calvinista, interpela-se por uma ordem ética e moral baseada no trabalho árduo, na prosperidade e na frugalidade, fatores efervescentes para a potencialização de um novo modo de organização econômica que emergia simultaneamente a esta doutrina, o capitalismo¹³. A crença na predestinação e na revelação da salvação de Deus por meio da prosperidade e responsabilidade individual levou a um individualismo religioso que se estendeu a outras esferas da vida, como a política, a economia e sobretudo a forma como nos afetamos coletivamente.

Nesse sentido, já na pretensa contemporaneidade, Byung-Chul Han identifica na potencialização da individualidade uma série de questões que afetam diretamente o nosso *Zeitgeist*, que hoje se encontra incapaz de lidar com a alteridade. Para o filósofo, existe um esvaziamento do *Eros* que torna a experiência do *Eu* com o *Outro* uma mera relação de

¹² SAFATLE, *O circuito dos afetos, cit.*, p. 23.

¹³ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

consumo, naquilo que lhe é apenas igual, semelhante ou confortável. A diferença, aquilo que lhe causa incômodo, portanto, não se encontra em vias possíveis de alcance, visto que “no curso de uma positivação de todos os âmbitos da vida, [a experiência do Eu] é domesticada numa fórmula de consumo desprovida de risco e ousadia, sem excesso e delírio.”¹⁴ Como ressalta Hugo Rezende Henriques, jusfilósofo mineiro:

o *alter* se vê reduzido a um outro: um outro que só é um espelho do *Eu*, cujas diferenças negativas, as negatividades, são ignoradas como autodeterminações que não se deixam dialogar intersubjetivamente (politicamente). O outro é percebido como um indivíduo - esse constructo moderno de pura autodeterminação e que está indisponível para a decisão política.¹⁵

Se o sujeito não se submete à diferença, nativa da negatividade, o reconhecimento intrínseco à dimensão interpessoal flagela-se diante da impossibilidade do poder. Para Han, “normalmente se entende por poder a seguinte relação causal: o poder do *ego* é a causa que gera no *alter*, contra sua vontade, um determinado.”¹⁶ Se já não são possíveis as relações com o *Outro* reduzido apenas ao consumo espelhado do *Eu*, nem o poder sobre o *alter* é concebível na sociedade da somente positividade. Assim, os sujeitos organizam-se em indivíduos uniformes e consoantes entre poder e liberdade.

Desse modo, sendo a dialética entre estes — poder e liberdade — a contradição máxima da História do ocidente¹⁷, o projeto neoliberal articula façanhas para sucumbir esse embate e transferi-lo ao indivíduo, e não à política. Apartado da política, o sujeito individualizado é, portanto, senhor e escravo de si mesmo, apenas numa lógica subversiva de dominação¹⁸, em que a luta é, agora, individualizada: um conflito do *Eu opressor* e do *Eu oprimido*. Consequentemente, a dominação é revitalizada, de modo que os súditos são escravos de si mesmos em batalhas de *autoexploração*¹⁹ numa sociedade *apolitizada*. Logo, sem politicidade não há mediação possível que alcance e reconheça a alteridade.

Assim, apartados das identidades coletivas aptas a articular um Nós capaz de um agir comum²⁰ — amplamente inclusivo e plural — resta aos indivíduos o pertencimento

¹⁴ HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 40.

¹⁵ HENRIQUES, Hugo R; SILVA, Jhonatas Roger da. A erotização de Thanatus: a compreensão contra a mera tolerância. In: SALGADO, Karine. [et al.] (orgs.). *Dignidade & Tolerância*: Anais do II Simpósio Internacional de Filosofia da Dignidade Humana. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 1178.

¹⁶ HAN, Byung-Chul. *O que é poder?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, p. 09.

¹⁷ SALGADO, Joaquim Carlos. O Estado Ético e o Estado Poético. *Revista do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, abr/jun 1998, p. 03.

¹⁸ NOGUEIRA, João Victor Flávio de Oliveira; DE MIRANDA, Matheus Pereira Amaral. Hegel, Han: o triunfo do sujeito de desempenho é o triunfo do Estado?. In: TASSINARI, Ricardo Pereira. [et al.] (orgs.). *Hegel e sua atualidade*. Porto Alegre : Editora Fundação Fênix, 2022, p. 562.

¹⁹ HAN, Byung- Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 30.

²⁰ HAN, Byung- Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018, p. 63.

fragmentário do identitarismo, este que se eleva à pauta principal da esquerda - ou melhor, do progressismo neoliberal. Impressiona, sobretudo, a pasteurização do discurso e das ideologias da esquerda que se converteram à lógica do comunitarismo norte-americano (nada ocidental) com matriz nas doutrinas protestantes individualistas. Nesse sentido, o comunitarismo é caracterizado por revitalizar a fragmentação da sociedade em grupos que não estabelecem diálogos eficientes entre si a fim de construir um projeto de destino comum, e que, no entanto, apenas individualizam cada vez mais suas lutas — absolutamente legítimas — tornando-as quase impossíveis de reconciliação²¹ após tantas cisões e clivagens²².

Podemos dizer que o eixo gravitacional da esquerda de hoje encontra-se, sobretudo, nas políticas de identidade. Movimentos feministas, antirracistas, étnicos e de lutas contra a LGBTfobia ocupam o cenário político-ideológico de grupos chamados *progressistas*. Essas pautas, construídas e sustentadas há décadas, geram grande impacto social no que diz respeito à inclusão de minorias na sociedade e na erradicação de sintomas e projetos de exclusão desses grupos. Seria impossível pensar a participação ativa de mulheres na política se não fossem as reivindicações feministas, da mesma forma que as manifestações antirracistas foram e são essenciais para a ascensão de pessoas negras e indígenas a posições de poder, desde as universidades até ao Congresso Nacional. Mas é claro que ainda estamos muito longe de atingir a igualdade material almejada e podemos dizer que parte da responsabilidade pela não efetivação dessas demandas é da própria esquerda que não se apropria devidamente de suas reivindicações. Isso significa que esses movimentos surgem como projetos políticos constituídos de intenções transformadoras do cenário social, mas são convertidos em projetos de mercado com a ascensão do que Byung-Chul Han chama de *capitalismo de consumo*. Para ele, em sua análise do que Weber entende por capitalismo:

É o constante sentimento de ansiedade que leva a uma atividade empresarial incansável e o capitalismo que Weber analisa é um capitalismo ascético de acumulações, que segue a lógica racional, e não a emocional. Por isso, Weber não tem acesso ao capitalismo do consumo que capitaliza emoções. Significados e emoções também são vendidos e consumidos no capitalismo do consumo. Não é o valor de uso, mas o valor emotivo ou de culto que é constitutivo da economia do consumo.²³

²¹ Para uma melhor compreensão dos termos “cisão” e “reconciliação” a partir da tradição hegeliana, indicamos: HORTA, José Luiz Borges. *Dialética do Poder Moderador: ensaio de uma Ontoteleologia do Estado do Brasil*. Tese (Titularidade) — Faculdade de Direito, Universidade Federal Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020, p. 51-54.

²² HENRIQUES; CASTRO, O titereiro mundial, *cit.*

²³ HAN, *Psicopolítica, cit.*, p. 63.

Em outras palavras, as pautas identitárias²⁴ tornam-se tão menos instrumentos de transformação social quanto mais se configuram como objetos de consumo econômico. Para essa compreensão, partimos do pressuposto apresentado por Nancy Fraser, filósofa da teoria crítica estadunidense, de que o movimento político-ideológico da esquerda sucumbiu às conveniências neoliberais, visto que suas disputas estão sempre permeadas de falsas necessidades impostas pelo capitalismo. Fraser nomeia de “condição pós-socialista” o cenário em que vivemos desde a queda do muro de Berlim, símbolo de uma nova ordem mundial em que experienciamos a crescente deslegitimação das demandas da esquerda. O cenário, desde 1989, é de ausência de quaisquer projetos progressistas dignos de serem aplicados como alternativa à atual ordem social. A “mudança na gramática das reivindicações políticas”²⁵, nas palavras de Fraser, é um dos principais problemas a serem superados na estrutura “pós-socialista”, visto o deslocamento do foco político de questões econômicas sobre redistribuição para questões culturais²⁶ de reconhecimento:

Muitos atores parecem afastar-se de um imaginário político socialista em que o problema central da justiça é a redistribuição, e aproximar-se de um imaginário “pós-socialista” em que o problema central da justiça é o reconhecimento. Com essa mudança, os movimentos sociais que mais se destacam não são mais definidos de um ponto de vista econômico, como “classes” que lutam para defender seus “interesses”, acabar com a “exploração” e conquistar a “redistribuição”. Em vez disso, os movimentos são definidos de um ponto de vista cultural, como “grupos ou “comunidades de valores” que lutam para defender suas “identidades”, acabar com a “dominação cultural” e conquistar “reconhecimento”²⁷.

O ponto central da teoria crítica de Fraser é a substituição de pautas econômicas e sociais por disputas identitárias, as quais têm uma relevância histórica e social imensa, mas que não podem ser sobrepostas às questões de classe que se relacionam fundamentalmente à redistribuição. Nesse sentido, tendo o neoliberalismo plasticidade suficiente para moldar até

²⁴ É interessante ressaltar a diferença fundamental entre identidade e identitarismo. Entendemos por identidade a capacidade humana de se organizar, agrupar e se afetar em torno de símbolos comuns, sejam eles, etnia, religião, gênero, orientação sexual, classe social, entre outras. Essas identidades são influenciadas e caracterizadas por fatores sociais, históricos, culturais e políticos que influenciam o modo como as pessoas se veem e são vistas pelos outros, ou seja, a forma como os sujeitos estabelecem suas relações interpessoais. São essenciais para criar fatores de pertencimento e solidariedade entre membros de um mesmo grupo. Já o identitarismo é baseado na ideia de que a identidade de um sujeito é a principal característica na maneira como este se comporta socialmente. Assim como na identidade, fatores como gênero, raça, etnia, orientação sexual, classe social, religião, geram pertencimento e solidariedade entre membros de um mesmo grupo, mas estes fatores tornam-se a finalidade única e última destes sujeitos. O identitarismo, portanto, é uma ideologia que se agrega fortemente ao giro individualista potencializado pelo neoliberalismo, sobretudo por sua primazia da subjetividade.

²⁵ FRASER, Nancy. *Justiça interrompida: Reflexões críticas sobre a condição “pós-socialista”*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022, p. 16.

²⁶ A ideia de “cultura” em Nancy Fraser refere-se às questões construídas e sustentadas por grupos identitários que se enxergam como iguais em um dado momento histórico e regional, ou seja, identitarismo. Não se aplica aqui, portanto, um entendimento histórico e antropológico do que seria cultura.

²⁷ FRASER, *Justiça interrompida, cit.*, p. 17.

mesmo as demandas de esquerda, Fraser identifica não apenas uma crescente mercantilização das relações de disputa, como também a erosão de proteções sociais de redistribuição deixadas de lado pelas manifestações progressistas em nome da fragmentação do coletivo inflamada pelas pautas de reconhecimento. Assim, as pautas identitárias acompanham a desconstrução do político, e possuem uma relação fundamental com a abordagem racionalista e individualizada que impede o reconhecimento intrínseco às identidades coletivas²⁸.

Importante perceber a relação existente entre a ascensão do identitarismo e a derrocada do interesse político na sociedade. Para Andrea Zhok, professora de filosofia da Universidade de Milão, a distribuição da consciência política enfrenta uma crise sem precedentes ao registrar uma curva decrescente, sobretudo, quando pensamos no público jovem, historicamente marcado por atuações políticas de relevância. Sua crítica assemelha-se à de Fraser quando denuncia o problema do ativismo político jovem - que pouco, ou nada, se difere do ativismo político da esquerda em geral. Em suas palavras:

Es interesante notar en qué temas se enfoca el activismo hoy. Un breve registro nos revela:

- 1) un ambientalismo centrado en el cambio climático;
- 2) cuestiones de identidad de género, violencia de género, igualdad de género, autodeterminación de género, lenguaje de género;
- 3) animalismo del tipo Disney y prácticas alimentarias autoflagelatorias (veganismo, elogios a la carne sintética y harina de insectos, etc.);
- 4) para los más atrevidos, apelaciones a los «derechos humanos» en una versión muy selectiva (donde por cierto las violaciones ocurren sólo entre los enemigos de Estados Unidos).

Lo que es esencial subrayar es que en cambio puede existir y existe:

- 1) un auténtico ambientalismo “estructural”;
- 2) una conciencia histórico-estructural de la división sexual del trabajo (y sus consecuencias consuetudinarias);
- 3) un análisis de las formas de «reificación» de la naturaleza sensible (animales) en la industrialización moderna;
- 4) una conciencia política de la explotación y violación de la naturaleza humana.²⁹

²⁸ Como ressaltam o cientista do Estado, Gabriel, e o jusfilósofo, Vinicius, “o identitarismo, típico do movimento de globalização cultural, desmantela não apenas o ser cultural de sua história, de seus valores, mas o arremessa no abismo do vazio existencial, do qual somente o reconhecimento no igualitarismo pode socorrê-lo”. MOTA, Gabriel Niquini; DE SIQUEIRA, Vinicius. O ocultamento da subjetividade; alienação e o sistema global. In: ANDRADE, Durval Ângelo. [et al.] (orgs.) *A sociedade do controle?: macrofilosofia do poder no neoliberalismo*. Belo Horizonte: Fórum, 2022, p. 148.

²⁹ 1) Um ambiente centrado nas alterações climáticas; 2) questões de identidade de gênero, violência de gênero, igualdade de gênero, autodeterminação de gênero, linguagem de gênero; 3) animalismo do tipo Disney e práticas alimentares autoflagelatórias (veganismo, elogios à carne sintética e farinha de insetos, etc.); 4) para os mais ousados, apelos aos «direitos humanos» numa versão muito selectiva (onde, aliás, as violações só ocorrem entre os inimigos dos Estados Unidos). O que é essencial sublinhar é que em troca pode existir e existe: 1) um verdadeiro ambientalismo "estrutural"; 2) uma consciência histórico-estrutural da divisão sexual do trabalho (e suas consequências consuetudinárias); 3) Uma análise das formas de «reificação» da natureza sensível (animais) na industrialização moderna; 4) Uma consciência política da exploração e da violação da natureza humana. (tradução nossa). ZHOK, Andrea. Historia de una involución: de la política estructural al moralismo histórico. *Observatorio de la crisis*. 2023. Disponível em: <https://observatoriocrisis.com/2023/04/20/historia-de-una-involucion-de-la-politica-estructural-al-moralismo-historico/>. Acesso em: 24 out 2023.

Assim, o problema não reside propriamente nas reivindicações ou nas pautas em que a esquerda e os movimentos jovens se baseiam, mas na forma como redistribuem e operam politicamente — ou *apoliticamente* — as suas ações. O que denunciámos aqui, é, por fim, a castração política dessas agendas através da moralização do espaço político, onde as discussões ressoam ao entorno do que é bom ou ruim, certo ou errado. Esses movimentos e discursos intransigentes se preocupam muito mais com a aparência, com a forma, do que com a realidade. Denuncia, mais uma vez, Andrea:

Cada uno de estos juegos ideológicos aparecen a quienes los frecuentan como un cosmos, el único punto de vista desde el cual se ve mejor el mundo entero. Y esto genera una sensibilidad desequilibrada a los visitantes de estos recintos, porque invierten toda su energía y pasión en un campo cuidadosamente delimitado: hay gente que pasa dos veces al día frente a la anciana muriéndose de hambre en el departamento de al lado, pero saltan con los ojos inyectados en sangre si usas un pronombre de género mal visto; hay gente que se escandaliza por las violaciones de los derechos humanos en Bielorrusia (donde nunca han puesto un pie) y luego te explican que es justo golpear a las «novaxes» y privarlas de atención hospitalaria; hasta hay estudiantes que reclaman meritocracia y luego votan por Calenda.³⁰

Desse modo, o desmonte de projetos políticos que se ocupam verdadeiramente de problemas reais é o epicentro da era *pós-política*³¹ que impera em nossa cultura, incapaz de transitar entre afetos neoliberalizados que desagregam, até mesmo, as engrenagens historicamente consolidadas.

4 A queda da esquerda enquanto poder regulador de desejos sociais

Diante do quadro do reconhecimento fraseriano, ligado ao senso de pertencimento a comunidades fragmentadas, e da influência desses movimentos identitários extremamente específicos, que não são redistribuídos socialmente, vemos as pautas identitárias tornarem-se o centro do debate da esquerda no cenário político vigente. Contudo, existe uma falta de canalização desses afetos identitários para uma política real institucionalizada capaz de levar adiante tais discussões que se perdem em ciclos viciosos e intransigentes criados e retroalimentados por uma esquerda desarticulada. Apesar destas pautas serem extremamente

³⁰ Cada um destes jogos ideológicos aparece a quem os frequenta como um cosmos, o único ponto de vista a partir do qual se vê melhor o mundo inteiro. E isto gera uma sensibilidade desequilibrada aos visitantes destes recintos, porque investem toda sua energia e paixão em um campo cuidadosamente delimitado: há gente que passa duas vezes ao dia frente à anciã morrendo de fome no departamento ao lado, mas saltam com os olhos injetados em sangue se usa um pronome de género mal visto; há gente que se escandaliza pelas violações dos direitos humanos na Bielorrússia (onde nunca puseram um pé) e depois te explicam que é justo bater nas «novaxes» e privá-las de cuidados hospitalares; até há estudantes que reclamam meritocracia e logo votam por Calenda. (tradução nossa). ZHOK, Historia de una involución, *cit.*

³¹ Slavoj Žižek dedica a obra Elogio da Intolerância a respeito dos efeitos que a pós-política possui na contemporaneidade. ŽIZEK, Slavoj. *Elogio da intolerância*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 2006.

políticas, o que se pretende mostrar aqui é a capacidade do neoliberalismo, enquanto regulador desses afetos, em canalizar suas expressões de caráter político e despolitizá-las a ponto de enfraquecer o discurso democrático da esquerda, transformando-o em um progressismo que não consegue se desvincular da lógica neoliberal.

De fato, o afastamento do político da esfera democrática é algo que vários teóricos denunciam há algum tempo. Chantal Mouffe, cientista política e filósofa do Estado, debruça sua obra em tentar compreender este fenômeno que esteriliza a discussão política ocidental. Para ela, a esfera política foi reduzida, ou aglutinada, à esfera moral: “no lugar do conflito entre ‘direita e esquerda’, vemo-nos diante do conflito entre ‘certo e errado’³². Esta mudança de paradigma está intrínseca ao que a autora denomina de antagonismos políticos. Sua teoria percorre o fato de que o antagonismo presente no modelo de democracia liberal e o fetiche habermasiano da ideia de deliberação e consenso são ideais falidos que ainda persistem nesta hegemonia (neo)liberal.

Para ela, a ideia de criar um consenso democrático é um projeto ilusório, pois todo consenso se baseia em atos de exclusão³³, o que não é concebível³⁴ na teoria da democracia deliberativa de Habermas, a qual se estrutura diante de mecanismos legítimos de participação ativa dos cidadãos na política, mas que canaliza seus esforços para a criação de um consenso moral racional por meio da discussão livre³⁵. Dessa forma, a visão da democracia deliberativa apresenta a esfera política como um campo passível de aplicação de uma moralidade, posta por meio da racionalidade comunicativa alcançada através de debates que culminam em um consenso. Habermas sugere uma ilustração democrática por meio de suas prerrogativas universalistas evidenciadas pela moralização da esfera política e pela elevação de princípios fundamentalmente hegemônicos como os direitos humanos.

Os direitos humanos, diz Habermas, são como o ‘rosto de Juno’, com um conteúdo universal moral, mas, também, com a forma dos direitos legais; daí a necessidade de serem encarados numa ordem legal. Segundo ele, ‘os direitos humanos pertencem estruturalmente a uma ordem legal positiva e coercitiva que se baseia em reivindicações legais individuais acionáveis. [...] Habermas está convencido de que sua institucionalização global encontra-se em estágio avançado e que a aceitação mundial de um sistema de direito cosmopolita é somente uma questão de tempo.³⁶

³² MOUFFE, Chantal. *Sobre o Político*. Trad. Fernando Santos. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2015, p. 5.

³³ *Ibidem*, p. 11

³⁴ “Se as questões de justiça não podem transcender o autoconhecimento ético de formas de vida concorrentes, e se valores, conflitos e antagonismos relevantes existencialmente têm de impregnar todas as questões controversas, então, no final das contas, vamos terminar com algo parecido àquilo que Carl Schmitt entendia por política.” HABERMAS, Jürgen. Reply to Symposium Participants. *Cardozo Law Review*, v. 17, 1996, p. 1943.

³⁵ MOUFFE, *Sobre o Político*, cit., p. 12.

³⁶ *Ibidem*, p. 84.

Logo, a construção da democracia habermasiana, amplamente difundida pelo neoliberalismo progressista, baseada em um cosmopolitismo hegemônico, solapa a esfera fundamental do político: o conflito. O que faz uma democracia não é a capacidade de se chegar em consensos, mas a capacidade de reconhecer o conflito enquanto formador do espaço político. O que Mouffe propõe, portanto, é deixar o paradigma deliberativo para trás ao defender ser necessária a democratização do conflito por meio da transformação do antagonismo em agonismo³⁷.

Em sua obra “Sobre o Político”, a autora defende a tese de que a principal tarefa do campo político não é superar o embate entre direita e esquerda, mas potencializá-lo diante do reconhecimento da diferença legítima no jogo democrático. Em sua crítica à racionalização da política, pontua que é urgente criar uma vibrante esfera pública agonística de contestação, na qual exista um choque entre posições políticas democráticas legítimas. Sua preocupação, de fato, não reside na decisão final consentida como o faz Habermas, mas na canalização dos afetos e paixões intrínsecas ao político, pois é somente na configuração entre opostos que se reconhecem e na possibilidade de identificação com posições políticas que isto é possível.

A democracia agonística, portanto, é aquela capaz de estabelecer adversários no jogo político democrático, e não inimigos, através do reconhecimento da diferença — da alteridade, do Outro, do negativo. Assim, a partir do momento em que a figura do *Outro* passa a ser um inimigo passível de erradicação, o confronto democrático mutaciona-se em conflitos entre perspectivas de identidade baseadas em essências fixas ou entre princípios morais que não podem ser comprometidos. “Quando as fronteiras políticas se tornam indefinidas, começa a insatisfação com os partidos políticos; assistimos, então, à proliferação de outros tipos de identidade coletiva, que giram em torno de formas de identificação nacionalistas, religiosas ou étnicas.”³⁸ Ou seja, o que antes eram as identidades coletivas, agora passam a ser o identitarismo denunciado por Fraser. Logo, a tarefa do Estado, sobretudo da esquerda democrática, é combater essa lógica antagonística.

Entretanto, a organização da política atual ainda não foi capaz de superar o paradigma antagônico. Para além, o que se observa nas políticas e na mobilização de afetos dentro da esquerda é uma incapacidade de se organizar politicamente em torno de um projeto comum, e muito menos de alcançar a redistribuição das pautas de identidade para outros setores sociais, pois existem diversos Nós/Eles dentro de um espaço de pensamento de esquerda comum que

³⁷ *Ibidem*, p. 19.

³⁸ *Ibidem*, p. 29.

não se reconhecem enquanto agentes legítimos de uma mesma ideologia. O confronto ainda permanece entre inimigos, e os espaços democráticos ganham contornos cada vez mais hostis³⁹.

Nesse sentido, Byung-Chul Han apresenta um *Zeitgeist* em que o reconhecimento está reduzido ao igual. A formação de um Nós está cada vez mais circunscrita a pequenos grupos que pensam da mesma forma, com diferenças, caso tenham, muito superficiais, e qualquer pensamento divergente deve ser renegado, antes mesmo de um filtro ou de um diálogo. Este fenômeno da contemporaneidade, que insiste em um projeto apolítico, é denominado por ele de inferno do igual⁴⁰. Neste, o *Eu* só encontra significação onde consegue reconhecer de algum modo a si mesmo, em vias de uma alteridade indisponível diante de uma sociedade cada vez mais narcísica⁴¹. A diferença — ou o negativo — por sua vez, é intransponível, de modo que pautas semelhantes e agregadoras, as quais poderiam ser mediatizadas caso a alteridade não estivesse reduzida à esfera do inferno do igual, tornam-se inimigas frente a uma lógica de competição por espaços cada vez menores dentro da esfera da política. O cenário vigente, portanto, apresenta uma esquerda fragmentada que não consegue mobilizar afetos em torno de um *Nós* capaz de um agir comum.

Nesse sentido, a esquerda deságua em uma crise sem precedentes na História, pois a sua habilidade de se organizar socialmente encontra-se comprometida diante da incapacidade de criar um projeto político fundamentalmente energético que se comprometa novamente com as necessidades reais impostas por um modelo de organização social, econômica, política e afetiva neoliberais. De fato, a crise da esquerda é ainda mais agravada quando se pensa as reais diferenças que existem hoje entre esta e os setores de direita, sobretudo a direita progressista. Quando aceitamos ideais neoliberais progressistas serem taxados de esquerda dentro da esfera política, confiamos nosso destino a um projeto de hegemonia do capital da qual não vemos saída. Isso porque diante de anseios sociais gerados por angústias neoliberais, a esquerda que temos hoje somente é capaz de dar respostas neoliberais a estes anseios, ou seja, adentramos em um ciclo vicioso no qual a democracia liberal é a crise e a solução.

³⁹ É importante ressaltar que o foco do presente trabalho não foi o de realizar uma pesquisa empírica ou com dimensões práticas, trata-se, como destacado na seção 01, de uma pesquisa inspeccional, macrofilosófica, que parte de teorias políticas para realizar uma análise também teórica dos objetos em questão - o neoliberalismo, a política e os afetos. Sabemos que Mouffe, Fraser, Mayos, não são autores brasileiros, nem latinoamericanos, mas suas teorias são macrofilosóficas, e, portanto, tentam dar conta da realidade como um todo. É claro que analisar as situações particulares do Brasil, como se opera a teoria mouffeana no campo nacional, por exemplo, seria uma pesquisa extremamente interessante, mas não é este o escopo do presente trabalho. Compreendemos essa lacuna em nossa pesquisa, mas trata-se de uma escolha metodológica.

⁴⁰ HAN, *Agonia do Eros*, cit., p. 8.

⁴¹ *Ibidem*, p. 34.

Dessa forma, sem uma diferença substancial entre o que temos de esquerda hoje e os setores de direita, as identidades coletivas, no sentido macropolítico, sobretudo a capacidade da esquerda em lograr afetivamente as paixões sociais, perdem sua expressão. Para Mouffe:

Quando a política democrática perde a capacidade de mobilizar as pessoas em torno de projetos políticos distintos, e quando se limita a garantir as condições necessárias para o bom funcionamento do mercado, estão dadas as condições para que os demagogos políticos articulem a frustração popular.⁴²

Assim, aliada à crise, vê-se um descrédito da esquerda tanto pelo seu caráter neoliberal quanto por sua incapacidade de gerir os afetos sociais. A proximidade com a direita está vinculada, sobretudo, à não proposição de um novo projeto de organização econômica que combata ideais profundamente neoliberais como o “consumo, o individualismo, a concorrência, o punitivismo e o empreendedorismo de si mesmo.”⁴³ Assim, respostas neoliberais para problemas neoliberais não quebram o ciclo, apenas insistem naquilo que já conhecem — o inferno do igual.

Existe, assim, um paradoxo fundamental que paira sobre a sociedade vigente: um sentimento de que as coisas não podem continuar como estão e a sensação de que as coisas não poderiam ser de outro jeito⁴⁴. O que existe é uma renovação circular dessa sensação: a cada colapso do projeto neoliberal, uma solução neoliberal se abre e é escolhida pelos setores políticos/econômicos/sociais.

Quando concebemos a ideia do presente texto, passou por nossa discussão a possibilidade de alegar a falibilidade do neoliberalismo enquanto projeto, pois sua desconstrução do político e da alteridade colabora para uma sociedade colapsada afetivamente. Contudo, como afirmar que o neoliberalismo está falido se este se renova e se mantém a cada crise, mesmo com a sensação de exaustão que paira no ar? Pois bem, o neoliberalismo é um projeto hegemônico que se beneficia deste paradoxo que torna incapazes os agentes políticos e a sociedade de pensar novas formas democráticas de nos afetar. Como bem ressalta Rodrigo Nunes, “na falta de concorrência ou qualquer ameaça realmente séria ao seu poder, as elites políticas e econômicas [neoliberais] parecem nutrir uma confiança infinita na sua capacidade de manter as coisas como estão.”⁴⁵

Incapaz, portanto, de dar *outras* respostas a perguntas neoliberais, a esquerda cede espaço para um setor *anti establishment* que capitaneia o “encontro de quem desistiu de esperar

⁴² MOUFFE, *Sobre o Político*, cit., p. 70.

⁴³ Para uma leitura mais aprofundada neste tema, ver NUNES, Rodrigo. *Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu, 2022.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 14-15.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 59.

as promessas democratizantes da modernidade e quem não está mais nem nominalmente interessado em promovê-las.”⁴⁶

5 Política do desconcerto: os limites da democracia quando a regulação dos afetos é neoliberal

Dedicamos a seção anterior para a análise da incapacidade da esquerda em mobilizar afetos em tempos neoliberais, contudo, é necessário destacar que há um esvaziamento dos eixos políticos tradicionais como um todo, visto que não se colocam energéticos e potentes frente às demandas reais exigidas pela sociedade afetada neoliberalmente. Há um sentimento generalizado em muitas sociedades e setores sociais de que a política e as instituições tradicionais já não mais os representam e por isso depositam esforços e crenças em agentes políticos e sociais com discursos *anti establishment* que, na maioria das vezes, não possuem objetivos ideológicos claros ou de fato opostos aos circuitos econômicos, políticos e de afetos já estabelecidos. Para Gonçal Mayos, filósofo catalão, esse sentimento antissistema alia-se a discursos cacofônicos neoliberais que conduzem às políticas de desconcerto⁴⁷.

Cenários político-sociais desafiadores das teorias clássicas e das definições usuais, e que prescindem dos mínimos consensos teóricos e ideológicos para dar corpo às lutas cegas que travam⁴⁸, definem o termo do filósofo catalão. Nesse sentido, ressaltamos que o desconcerto político está associado à ineficácia na solução das crises econômicas e à insatisfação generalizada da população, que se sente excluída e abandonada pelas instituições, gerando descontentamento e anomia social⁴⁹.

Essas políticas têm uma relação intrínseca à grave recessão econômica após a crise imobiliária de 2008 e aos seus desdobramentos mundiais resultados da insatisfação com o sistema vigente. Assim, existiu no período entre 2011-2013 reações de setores relativamente da esquerda, como a primavera árabe e as grandes manifestações do Brasil, que em seguida foram capitaneados, a partir de 2015, por setores de direita e extrema direita, como a saída do Reino Unido da União Europeia, a eleição de Donald Trump e a vitória de Jair Bolsonaro em 2019⁵⁰.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 46.

⁴⁷ MAYOS, Gonçal. ‘Políticas del desconcierto’ y redefinición democrática: una síntesis macrofilosófica. In: AMAT, Joan Lara (Coord.). *Ciudadanía y crisis de la democracia liberal en un mundo en transformación*. Lima: Oficina Nacional de Procesos Electorales (ONPE), 2020; MAYOS, Gonçal. Políticas del desconcierto. *Blogspot – Gonçal Mayos Solsona*. 2018. Disponível em: <http://goncalmayossolsona.blogspot.com/2018/11/politica-del-desconcierto.html>. Acesso em: 24 out 2023.

⁴⁸ MAYOS, Políticas del desconcierto y redefinición democrática, *cit.*, p. 157.

⁴⁹ MAYOS, Autoritarismos populistas frutos do desconcerto neoliberal, *cit.*, 35.

⁵⁰ MAYOS, *Políticas del desconcierto y redefinición democrática, cit.*, p. 161.

Esses movimentos foram as engrenagens para a contestação do *status quo* que ainda se põe vigente em nosso tempo, de maneira a expressarem uma tentativa de alcançar alguma mudança significativa no contexto político e social. Contudo, o que começou como reivindicações de setores centro-esquerda, cansados com a inércia da política tradicional, desaguou, e ainda deságua, em cenários instáveis e desorientados tanto político quanto ideologicamente voltados para a extrema direita. Assim, aliado ao *desconcerto*, o que existe é um descontentamento com aquilo que foi posto como consenso após a queda do muro de Berlim

[acerca do] que é ‘realista’ propor e pensar e [o que é] uma realidade profundamente transformada. Daí a recusa a aceitar o jogo que opõe o ‘realista’ ao ‘utópico’ para, ao contrário, reivindicar a própria *Realpolitik*: diante do colapso ambiental e político que temos hoje, *é o realismo de trinta anos atrás que se tornou irreal*, e o que antes parecia absurdo frequentemente contém de algo de razoável.⁵¹

Rodrigo Nunes é certo ao identificar a fixação com modelos e ideais neoliberais, advindos do fim da Guerra Fria e postos pelo o que ficou conhecido como Consenso de Washington, como o cerne desses movimentos insurgentes contra o sistema. Como dissemos previamente, respostas neoliberais a problemas neoliberais apenas se retroalimentam, mas não resolvem os problemas e as demandas sociais de fato. Assim, é a partir de 2015 que figuras *outsiders* e extremistas com discursos similares de reivindicação por mudanças começam a ocupar espaços políticos de grande relevância e poder.

Assistimos, então, a ascensão de uma série de movimentos que Mayos, e uma série de estudiosos, identificam — astuciosamente — como populismos de direita, que ascendem com similaridades em todo o ocidente, proclamadores de uma nova definição de hegemonia mundial. Por sua vez, suas lutas são relativamente simples: surgem de uma insatisfação com a política tradicional incapaz de dar soluções outras senão neoliberais aos problemas neoliberais, e também contra a evidência e reconhecimento político cada vez maior das pautas identitárias, tanto pelos setores da esquerda quanto para os setores de direita progressista. Assim, ascendem com respostas e reivindicações, muitas vezes violentas, mas que suprem uma demanda populacional por mudança e transformação.

São frutos de um setor da população que não se vê representado nas políticas destinadas às pautas de identidades — como as feministas, a aquisição de direitos por parte da população LGBT+, a evidência e atenção necessárias às questões dos povos originários, o movimento negro, e/ou a intensa migração — setor este que entende estar perdendo espaços sociais e políticos para as minorias que passam a ser mais reconhecidas politicamente.

⁵¹ NUNES, *Do transe à vertigem*, cit., p. 18.

Consequentemente, este sentimento de defasagem se agrava ainda mais quando pensamos as intensas modificações que conectam o mundo todo, geradas diretamente pelo fenômeno da turboglobalização⁵², a qual acrescenta novos desafios a este setor, como a incorporação de inteligências artificiais e o perecimento de certas habilidades humanas frente a tecnologia⁵³. A partir disso, portanto, compõe-se um mal-estar generalizado na sociedade, que se vê incapaz diante de profundas transformações. Logo, diante de um sentimento de desamparo, existe a necessidade da busca por respostas a perguntas fomentadas por estas movimentações, e os populismos de direita são sagazes em fornecê-las, mesmo que apenas no discurso.

Dessa forma, se o que está em jogo é aproximar quem não compartilha dos ideais estabelecidos a partir do jogo democrático, o que é preciso oferecer não é o conforto simbólico do pertencimento ou apenas a difusão das pautas identitárias, mas é necessário propiciar ideias que efetivamente façam sentido para as pessoas; isto é, que lhes ofereçam a perspectiva plausível de uma vida melhor, bem como o desejo de alcançá-la⁵⁴. Desse modo, o triunfo dos movimentos populistas reside justamente na capacidade em fornecer alternativas ao *status quo*, por isso não impressiona a quantidade de pessoas que conseguem mobilizar com seu discurso. Pode-se dizer que a resposta da extrema direita é, como bem ressalta Nunes, “uma reação mais racional ao atual estado de coisas do que a crença de que tudo poderia simplesmente continuar como antes.”⁵⁵

Entretanto, é interessante perceber que estes movimentos populistas, apesar da roupagem transformadora, não levam o político muito além das bases neoliberais que, apesar dos distintos alvos, ainda são objeto de sua crítica. Assim, esses movimentos reivindicam novas formas de organização político-econômico-social, mas de fato não as colocam em prática, apenas mantêm em seus discursos como forma de manutenção de poder. Ancorados em uma demagogia que critica os sistemas eleitorais, as minorias reconhecidas, a produção científica, e

⁵² “La globalización es un fenómeno muy antiguo (Osterhammel & Petersson, 2005 y Steger 2003) cuyos orígenes se remontan mucho en la historia. Así, Steger (2003: 20) dedica un capítulo al “período prehistórico” que cifra entre los 10.000 y los 3.500 años a.C. Ahora bien, sin duda la actual globalización ha cambiado profundamente su naturaleza. Hemos entrado en un estadio de acelerado cambio, de contactos continuos y prácticamente instantáneos; hemos entrado en el que podemos denominar la “turboglobalización”. MAYOS, Gonçal. Genealogía de la Globalización. *Clivatge. Estudis I Tesitimonis Del Conflict I El Canvi Social*, v. 4. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/clivatge/article/view/15878>. Acesso em: 24 out 2023.

⁵³ Para um aprofundamento neste assunto, indicamos BROCHADO, Mariah. Prolegômenos a uma filosofia algorítmica futura que possa apresentar-se como fundamento para um cyberdireito. *Direito Público*, [S. l.], v. 18, n. 100, 2022. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/5977>. Acesso em: 24 out 2023.

⁵⁴ NUNES, *Do transe à vertigem*, cit., p. 18.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 19.

até mesmo a democracia, os elementos fáticos que compõem suas atitudes representam contradições pois os alvos de suas críticas continuam peças importantes para a sua consolidação, sendo cotidianos para os seus governos, quando vigentes. Logo, apesar de reivindicarem novas formas de organização, ainda não conseguiram ou simplesmente não querem romper com a lógica neoliberal.

Como destaca Mayos, “os ideais democráticos [neoliberais], o voto popular e os direitos humanos e civis mantêm em geral uma grande vigência como campo de jogo político básico e com muito suporte cidadão”⁵⁶. Ou seja, esses movimentos ainda jogam o jogo democrático neoliberal para se sustentar no poder, muito diferente do que se observou na ascensão dos populismos fascistas da década de 1930. Mas a pergunta que fica é: ¿"hasta que punto esos débiles consensos [democracia e direitos humanos] pueden minimizar sus consecuencias⁵⁷ más violentas?"⁵⁸

6 Considerações finais

Por fim, o esforço empenhado no presente trabalho almejou elucidar as forças que entranham por entre os afetos em um contexto de neoliberalização generalizado. A ascensão dos movimentos populistas, sobretudo os de direita, decorrem justamente da incapacidade dos eixos políticos tradicionais em fornecerem respostas *outras* aos anseios neoliberais. Esta inépcia exemplifica a leitura de mundo de Byung-Chul Han acerca do inferno do igual, pois retrata a política em seu circuito neoliberal, com perguntas e respostas neoliberais, incapaz de quebrar o sistema do igual propondo novas formas de nos afetar política e socialmente. Ou seja, tanto a direita progressista, quanto a esquerda neoliberalizada não conseguem encarar a realidade com a força necessária para combater o neoliberalismo, e apenas reconhecem em pautas já usualmente enfadonhas as soluções possíveis.

Inaptos para lidar com a politicidade essencial à democracia, assistimos o triunfo do individualismo e do projeto identitário como pauta principal, quando não única, da esquerda. Setor este que já não suscita anseios de revolução como historicamente foi capaz, e contenta-se em parodiar as estruturas de poder existentes ao invés de subvertê-las. Aceitar o neoliberalismo como resposta — unicamente — significa não disputar o futuro; pior, implica em não almejar novas formas de nos afetar coletivamente. Ceder o destino ao igual, em um

⁵⁶ MAYOS, Autoritarismos populistas frutos do desconcerto neoliberal, *cit.*, p. 41

⁵⁷ Um claro exemplo deste limiar entre democracia e autoritarismo foram as minutas que preparavam o Brasil para entrar em estado de sítio após a vitória de Luís Inácio Lula da Silva nas eleições brasileiras de 2022.

⁵⁸ Até que ponto esses fracos consensos podem minimizar suas consequências mais violentas? MAYOS, Políticas del desconcierto y redefinición democrática, *cit.*, p. 161.

mundo em que a potência de agir é baseada na capacidade plena e exclusivamente do sujeito, resulta na cruel prisão da responsabilidade individual.

Assim, em uma sociedade em que a população está fragmentada e incapaz de se organizar ao redor um *Nós*, torna-se uma tarefa quase impossível enxergar novas formas de laços sociais. Logo, a vontade coletiva dilui-se num quadro aprofundado de desconcerto político e social.

Por isso, fazer frente às políticas e afetos neoliberais é a urgência necessária que os setores políticos tradicionais deveriam se preocupar, pois é somente a partir das relações interpessoais calcadas na afetividade que o projeto de democracia contemporâneo conseguirá florescer. É necessário suscitar a paixão intrínseca à política para se assumir, verdadeiramente, uma democracia *outra*, que não comungue unicamente com os anseios neoliberais.

Referências Bibliográficas

- BROCHADO, Mariah. Prolegômenos a uma filosofia algorítmica futura que possa apresentar-se como fundamento para um cyberdireito. *Direito Público*, [S. l.], v. 18, n. 100, 2022. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/5977>. Acesso em: 24 out 2023.
- CHAUÍ, Marilena. *Espinosa, uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.
- FRASER, Nancy. *Justiça interrompida: Reflexões críticas sobre a condição “pós-socialista”*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022.
- HABERMAS, Jürgen. Reply to Symposium Participants. *Cardozo Law Review*, v. 17, 1996.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. *O que é poder?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas formas de poder*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HARVEY, David; MATEOS, Ana Varela. *Breve historia del neoliberalismo*. Madrid: Ediciones Akal, 2007.
- HEGEL, G. W. F. *Filosofia da História*. 2 ed. Trad. Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: Editora UnB, 1999.
- A erotização de Thanatus: a compreensão contra a mera tolerância. In: SALGADO, Karine. [et al.] (orgs.). *Dignidade & Tolerância: Anais do II Simpósio Internacional de Filosofia da Dignidade Humana*. Belo Horizonte: UFMG, 2018.
- HENRIQUES, Hugo Rezende; CASTRO, Raphael Machado. O titereiro mundial: guerras culturais, “ideologêneses” e as ameaças ao Estado soberano. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ENABED), 10ª ed., 2018, São Paulo. *Anais*. Disponível em: https://www.enabed2018.abedef.org/resources/anais/8/1535681337_ARQUIVO_Artigo_Final-OTITEREIROMUNDIAL.pdf. Acesso em: 24 out 2023.
- HORTA, José Luiz Borges. *Dialética do Poder Moderador: ensaio de uma Ontoteleologia do Estado do Brasil*. Tese (Titularidade) — Faculdade de Direito, Universidade Federal Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020.
- KLEIN, Naomi. *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MATTEI, Clara. *The Capital Order: How Economists Invented Austerity and Paved the Way to Fascism*. Chicago: University of Chicago Press, 2022.
- MAYOS, Gonçal. Autoritarismos populistas frutos do desconcerto neoliberal. In: ANDRADE, Durval Ângelo. [et al.] (orgs.) *A sociedade do controle?: macrofilosofia do poder no neoliberalismo*. Belo Horizonte: Fórum, 2022.
- MAYOS, Gonçal. Genealogía de la Globalización. *Clivatge. Estudis I Tesitimonis Del Conflicte I El Canvi Social*, v. 4. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/clivatge/article/view/15878>. Acesso em: 24 out 2023.
- MAYOS, Gonçal. Límites de la hiperespecialización. Necesidad de la macrofilosofía. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 1 – 21, 2021.
- MAYOS, Gonçal. Macrofilosofía y siglo XXI. In: BAVARESCO, Algimir; MORAES, Alfredo (org.). *Paixão e Astúcia da Razão*. Porto Alegre: Editora Fi, 2013.
- MAYOS, Gonçal. ‘Políticas del desconcierto’ y redefinición democrática: una síntesis macrofilosófica. In: AMAT, Joan Lara (Coord.). *Ciudadanía y crisis de la democracia liberal en un mundo en transformación*. Lima: Oficina Nacional de Procesos Electorales (ONPE), 2020.

- MAYOS, Gonçal. Políticas del desconcierto. *Blogspot – Gonçal Mayos Solsona*. 2018. Disponível em: <http://goncalmayossolsona.blogspot.com/2018/11/politica-del-desconcierto.html>. Acesso em: 24 out 2023.
- MOTA, Gabriel Niquini; DE SIQUEIRA, Vinicius. O ocultamento da subjetividade; alienação e o sistema global. In: ANDRADE, Durval Ângelo. [et al.] (orgs.) *A sociedade do controle?: macrofilosofia do poder no neoliberalismo*. Belo Horizonte: Fórum, 2022.
- MOUFFE, Chantal. *Sobre o Político*. Trad. Fernando Santos. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2015.
- NOGUEIRA, João Victor Flávio de Oliveira; DE MIRANDA, Matheus Pereira Amaral. Hegel, Han: o triunfo do sujeito de desempenho é o triunfo do Estado?. In: TASSINARI, Ricardo Pereira. [et al.] (orgs.). *Hegel e sua atualidade*. Porto Alegre : Editora Fundação Fênix, 2022.
- NUNES, Rodrigo. *Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu, 2022.
- NUSSBAUM, Martha. Professora da Paródia – A Moda do Derrotismo em Judith Butler. Trad. Eli Vieira. *Xibolete*. Disponível em: <https://xibolete.org/judith-butler/>. Acesso em: 24 out 2023.
- REIS, José Carlos. *História da “Consciência Histórica” ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SALGADO, Joaquim Carlos. O Estado Ético e o Estado Poiético. *Revista do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, abr/jun 1998.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Trad. Vidal Penã. Madrid: Alianza Editorial, 2004.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ZHOK, Andrea. Historia de una involución: de la política estructural al moralismo histórico. *Observatorio de la crisis*. 2023. Disponível em: <https://observatoriocrisis.com/2023/04/20/historia-de-una-involucion-de-la-politica-estructural-al-moralismo-historico/>. Acesso em: 24 out 2023.
- ZIZEK, Slavoj. *Elogio da intolerância*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d’Água, 2006.

Como citar este artigo: BERNARDES, Ana Vitória Tannús; CARVALHO FILHO, Paulo Afonso de Ávila. Neoliberalismo e a hegemonia dos afetos: política, identidade e o limiar democrático. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 1–25, 2023.

Recebido em 30.04.2023

Publicado em 27.10.2023



Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional